



O LATIM COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO: UMA PERSPECTIVA SOBRE OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA CLÁSSICA

LATIN AS A COMPLEX ADAPTIVE SYSTEM: A
PERSPECTIVE ON THE TEACHING AND LEARNING
PROCESSES OF A CLASSIC LANGUAGE

Johnwill Costa Faria¹

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas

Resumo: Este artigo, brevemente, faz menção aos usos do latim no passado, como herança cultural, mas também como língua escrita e falada, em recortes de tempo posteriores à Antiguidade Clássica, chegando à contemporaneidade. Nesse sentido, essa língua é tratada aqui na perspectiva de um sistema adaptativo complexo (LEFFA, 2016, entre outros). Assim, muito além do tradicional método gramática e tradução, Engelsing (2014), por exemplo, propõe uma concepção mais ampla de língua, agora com uma abordagem ativa nos seus processos de ensino e aprendizagem, envolvendo a participação do aprendiz em atividades de letramento relevantes, na intenção de transformar o estudante de latim, “de titubeante leitor de poucos autores, em ativo participante da comunidade que se estende por vários territórios do globo e abarca a produção de vinte séculos de história” (ENGELSING, 2014).

Palavras-Chave: Língua como sistema adaptativo complexo; Ensino e aprendizagem de latim; Abordagem ativa.

¹ Endereço eletrônico: johnmagister@gmail.com.

Abstract: *This article briefly mentions the uses of Latin in the past, as a cultural heritage, but also as a written and spoken language, in time cuts after classical antiquity, reaching contemporaneity. Hence, this language is treated here from the perspective of a complex adaptive system (LEFFA, 2016, among others). Thus, far beyond the traditional Grammar and Translation method, Engelsing (2014), for example, proposes a broader conception of language, now with an active approach to its teaching and learning processes, involving the learner's participation in relevant literacy activities, with the intention of transforming the student of Latin, "from a hesitant reader of few authors, into an active participant of the community that spans the various territories of the globe and embraces the production of twenty centuries of history".*

Key-Words: *Language as a complex adaptive system; Latin teaching and learning; Active approach.*

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, um dos argumentos para o estudo do latim é para se ter acesso à Antiguidade Clássica romana e sua herança cultural e literária, que muito influenciou a cultura ocidental. Consequentemente, o estudo do latim tem sido pautado quase que exclusivamente à leitura e à escrita, principalmente pelo método gramática e tradução², no intuito de preparar leitores desses textos. Diante de uma perspectiva de que o latim nunca deixou de ser usado (como se procurará demonstrar adiante), esse método de ensino de línguas tem sido criticado por apresentar uma visão estruturalista da língua, ou seja, a língua como uma estrutura fixa e imutável, parada no tempo. Essa crítica também se estende, em alguns casos, à aplicação do método gramática e tradução em sua forma mais tradicional, por causa de certo mecanicismo, da tradução de frases isoladas e sem contexto, da valorização excessiva da memorização de regras gramaticais e de vocabulário, com resultados pouco produtivos.

² Há, certamente, outros métodos de ensino de línguas clássicas, os quais são tratados por autores como Amarante (2013, p. 104). Entretanto, a referência aqui ao método gramática e tradução foi feita por ser bastante utilizado ainda hoje, sendo, talvez, o mais conhecido entre as abordagens tradicionais. Ele serve aqui apenas como contraponto para a discussão principal, focada no tratamento do latim como sistema adaptativo complexo. A busca por um método mais alinhado a esse conceito, todavia, é apenas mencionada, devido ao escopo deste artigo, e poderá ser tratada mais especificamente em outros trabalhos.

Para além do Estruturalismo, novos caminhos têm sido abertos, por meio da crítica a essa corrente e a partir de novos *insights* que passaram a enxergar os processos de ensino e aprendizagem de línguas adicionais sob a esfera social, ou seja, a língua em uso como resultado de implicações sociais em seus diversos matizes, dinâmicas, fluidez, intersecções e interações. Leffa (2016, p. 1-12), por exemplo, apresenta uma visão sobre a língua humana como um sistema adaptativo complexo, ou seja, ela muda no tempo e no espaço (adaptativa) e resulta de múltiplos elementos que não fazem sentido isoladamente (complexa), mas interagem com outros sistemas, em duas instâncias distintas: dentro e fora da própria língua. Neste último caso, interagindo com elementos sociais, contextuais ou extralinguísticos.

Logo, na perspectiva de uma língua em uso, algumas considerações são feitas sobre o latim no mundo contemporâneo, renovado e adaptado ao nosso meio atual, utilizado na comunicação escrita e oral, na literatura contemporânea traduzida para o latim, em páginas da *Internet* e no seu uso por alguns *youtubers*. Por conseguinte, trata-se de um olhar sobre o latim não como uma língua datada e circunscrita apenas a textos da Antiguidade, mas que nunca deixou de ser utilizada não só na escrita, mas também na oralidade e como instrumento de interação social, suscetível a influências da cultura, do tempo, do espaço geográfico e das relações humanas.

1 SOBRE O MÉTODO GRAMÁTICA E TRADUÇÃO

O livro *Techniques and principles in language teaching*, de Larsen-Freeman (2008) aborda, descreve e faz seus leitores refletirem sobre vários métodos de ensino de línguas e já é um clássico dessa área. Embora pertença a uma série

editorial relacionada ao ensino de inglês como segunda língua³, seus conteúdos, guardadas algumas especificidades, podem ser aplicados ao ensino de outras línguas. Vale a pena revisitar o capítulo em que a autora (p. 11-22) apresenta e descreve o método gramática e tradução, ou o também chamado Método Clássico, de uma forma que procura ser isenta, apenas levando seus leitores à reflexão sobre suas possíveis vantagens e desvantagens. Desse modo, a autora apresenta algumas características e premissas desse método (p. 15-17) resumidas assim:

- O objetivo principal é atingir a capacidade de ler a literatura de uma língua estrangeira. A linguagem literária é superior à falada. Por isso mesmo, o estudo da língua-alvo deve se ater somente à literatura e às belas-artes.
- A capacidade de traduzir de uma língua para outra é a medida para saber o grau de sucesso para os aprendizes.
- Não há o objetivo de se comunicar na língua-alvo.
- As habilidades enfocadas são a leitura e a escrita. Pouca atenção é dada à fala e à audição, e quase nenhuma à pronúncia.
- O professor é a autoridade na sala de aula. É muito importante que os alunos deem a resposta correta.
- É possível encontrar equivalentes linguísticos para todas as palavras, por meio da tradução.
- O aprendizado é facilitado pela atenção às semelhanças entre a língua-alvo e a língua nativa.
- É importante aprender as formas gramaticais da língua-alvo. Enfoque nas regras gramaticais.

³ Aqui, conservou-se o termo *ensino de segunda língua* somente em respeito à nomenclatura dessa série editorial. Entretanto, nos horizontes da Linguística Aplicada, essa expressão e outras similares têm sido revistas. Mais recentemente, tem sido de certo consenso entre alguns teóricos o uso da expressão *ensino de línguas adicionais*.

-
- As regras gramaticais explícitas, aplicadas de forma dedutiva, são uma técnica pedagógica útil.
 - O aprendizado de línguas é um bom exercício mental.
 - É preciso saber conscientemente as regras gramaticais da língua-alvo.
 - A memorização de paradigmas gramaticais deve ser feita sempre que possível.

Tais enunciados, por si próprios, fazem parte da metodologia dessa autora, que atribui aos leitores de seu livro a tarefa de refletir sobre o que foi posto, de forma que cada leitor, com sua formação e convicções, possa tirar suas próprias conclusões. Mas, o natural processo de reexame sobre os processos, abordagens, métodos e técnicas de ensino de línguas adicionais, provenientes principalmente da Linguística Aplicada, tem resultado em críticas negativas ao método gramática e tradução, por parte de teóricos e professores de línguas. Tal crítica, entretanto, não significa rechaçar por completo esse método, mas, sim, almeja alcançar progressos e melhores resultados na área do ensino de línguas adicionais, e, em alguns casos, incluindo nessas reflexões o ensino de latim e de grego.

No Brasil, por exemplo, no caso do latim, essas críticas muitas vezes se referem ao fato de que alguns livros didáticos antigos e tradicionais ainda são adotados e, nos raros locais onde ainda o latim tem lugar de aprendizado, esse ensino é, com algumas exceções, pautado em antigas práticas, como decorar tabelas de casos e declinações, além de conjugações verbais e outros preceitos do método gramática e tradução, como assinala Miotti (2006, p. 15):

Assim, podemos observar que algumas das práticas que se consagraram nos métodos canônicos e nas salas de aula privilegiam a exposição metalingüística, a tradução de enunciados descontextualizados ou de textos que geralmente têm pouca ou nenhuma ligação com a cultura latina, a disposição de frases latinas na “ordem direta”, o apelo à memorização mecânica e a ênfase em correspondências simplistas entre os casos latinos e

as funções sintáticas em português, entre outras. Ora, além de distorcer os objetivos hoje considerados legítimos no ensino de latim para estudantes universitários, essa concepção interfere sensivelmente em dois eixos vitais, profundamente interligados quando o assunto é o ensino de línguas clássicas: o aproveitamento e o estímulo do aluno.

Embora ainda sob influência do Estruturalismo, Longo (2006, p. 6) afirma que:

A descrição de línguas antigas foi realizada num tempo em que ainda não se dispunha de uma ciência da linguagem tão amplamente desenvolvida como nos tempos atuais, que pudesse fornecer recursos conceituais, metodológicos e pragmáticos suficientes e necessários a essa tarefa. A Lingüística, embora tenha propiciado avanços significativos e pragmáticos suficientes e necessários a essa tarefa, não trouxe o mesmo benefício às línguas clássicas, devido ao pouco interesse dos pesquisadores da área em rever métodos e processos consagrados pela tradição, considerados tacitamente como intocáveis.

Também estruturalista, baseando-se nos conceitos linguísticos de Saussure, Hjelmslev e Benveniste, na busca de horizontes relacionados à descrição e ao ensino da língua latina, Lima (1995) considera que procedimentos tradicionais de ensino de latim podem levar a resultados pouco satisfatórios.

A partir desses pressupostos teóricos e o reconhecimento de que o latim era a língua materna dos antigos romanos, Lima consubstancia suas ideias em uma compreensão sistêmica dessa língua apreendida pelo aluno e, conforme Longo (2006, p. 7), isso faz com que ele se liberte, ao mesmo tempo, da prática escolar da memorização mecânica de dados.

Apesar dessa visão, um pouco adiante de perspectivas mais conservadoras acerca da linguagem, o mundo não parou no Estruturalismo e de sua compreensão sistêmica da língua. A língua não consiste apenas de uma gramática e seus elementos internos. Na perspectiva formalista, a língua é estudada fora de seu contexto social e cultural: preocupa-se com suas

características internas, sem se preocupar com as relações entre seus constituintes e seus significados (cf. SANTOS, 2014, p. 165). Com o Círculo Linguístico de Praga, que percebia a linguagem articulada como sistema de comunicação, centrada com seus usos e funções, houve a perspectiva do Funcionalismo, com seu interesse voltado para a verificação de como os usuários da língua se comunicam, de modo eficaz, em diversos contextos: a língua deixa de ser um mero sistema regulado por regras e passa a ser estudada de um ponto de vista sócio-semiótico, considerando-a como um sistema de produção de significados (cf. SANTOS, 2014, p. 165-166).

Logo, os caminhos percorridos, delineados historicamente, acerca do ensino de línguas adicionais, com várias experimentações e teorizações, conduzem a perspectivas que trazem reflexões e críticas a cada uma dessas formulações. É assim que parece bastante claro que as próprias características e premissas do método gramática e tradução falam por si próprias diante da perspectiva atual da área da Linguística Aplicada, que reconhece o legado de abordagens mais formalistas e estruturalistas, entretanto, aponta falhas quanto à ausência de abordagens da língua como fenômeno complexo, heterogêneo, variável e sujeito a transformações de ordem cronológica, geográfica, social, participativa, interativa e, sobretudo, com uma visão de língua viva, da comunicação e do uso.

2 A LÍNGUA COMO UM SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO

Ao discorrer sobre a natureza da linguagem, Bybee (2016, p. 17-18), constrói uma rica metáfora, comparando as línguas a dunas de areia: as dunas são regulares na aparência, no formato e na estrutura, mas estão em constante mudança, variando entre “instâncias individuais, assim como gradiência e mudança ao longo do tempo”. Assim, continua a autora:

a língua também é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões enquanto, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis: as línguas diferem umas das outras, embora sejam notoriamente moldadas pelos mesmos princípios; construções comparáveis em línguas diferentes servem a funções semelhantes e são baseadas em princípios similares, ainda que difiram entre si em pontos específicos; enunciados em uma língua diferem uns dos outros, embora exibam os mesmos padrões estruturais; as línguas mudam ao longo do tempo, mas de maneira bastante regular. Segue-se, a partir disso, que uma teoria da linguagem poderia estar focada nos processos dinâmicos que criam as línguas e que conferem a elas sua estrutura e variância.

Já segundo Ellis (2011, p. 655), linguagem e cognição são inseparáveis, pois um determina o outro, em uma relação recíproca, fundamentada em nossa experiência perceptiva. Enquanto o uso da linguagem se faz por meio da percepção e interação com o mundo, e as estruturas linguísticas são determinadas a partir desse uso, essa própria percepção do mundo se dá por meio de nossas funções cognitivas: a lembrança dos enunciados e episódios, a categorização da experiência, a determinação de padrões entre os estímulos, a generalização do esquema conceitual e de protótipos a partir de exemplos, e o uso dos modelos cognitivos, metáforas, analogias e imagens no pensamento. É a partir daí que esse autor discorre sobre o aspecto da complexidade da linguagem:

A linguagem é usada para focar a atenção do ouvinte para o mundo; pode destacar novos elementos no teatro da consciência para potencialmente relacionar muitas histórias e perspectivas diferentes sobre a mesma cena. O que é vivenciado é aprendido e, portanto, a atenção afeta a aquisição da própria linguagem. As funções da linguagem no discurso determinam seu uso e aprendizado. O uso, a mudança, a aquisição e a estrutura da linguagem são igualmente inseparáveis. Não há nada que tão bem caracterize a ação social humana como a linguagem. Cognição, consciência, experiência, estruturação, cérebro, a interação do ser humano consigo mesmo e com seus semelhantes, com a sociedade, com a cultura e com a

história estão inextricavelmente interligadas de maneiras ricas, complexas e dinâmicas.⁴ (ELLIS, 2011, p. 655)

De modo semelhante, Beckner et al. (2009, p. 2) apontam as seguintes características dos sistemas adaptativos complexos:

- a) Múltiplos agentes interagindo uns com os outros.
- b) O sistema é adaptativo, o que significa dizer que o comportamento do agente está fundamentado em suas interações do passado; as interações atuais e passadas, juntas, se influenciam mutuamente, formando um modelo futuro de comportamento.
- c) O comportamento de um falante, por exemplo, é o resultado de fatores que competem entre si, desde mecanismos de percepção a motivações sociais.
- d) As estruturas de uma língua – esta, tratada como sistema adaptativo complexo – emergem de padrões de experiências inter-relacionados, a interação social e os processos cognitivos.

Nesse sentido, conforme esses mesmos autores, a língua é um sistema adaptativo complexo por estar fundamentalmente ligada à interação social, com todas as características descritas acima. Por isso mesmo, essa concepção de língua difere radicalmente e vai de encontro às teorias tradicionais da gramática, pois elas possuem uma visão sistêmica da língua, ou seja, que ela é composta por elementos estruturais internos – a mera gramática descritiva, ou conjunto de normas que regem o seu funcionamento, o que é,

⁴ *Language is used to focus the listener's attention to the world; it can foreground different elements in the theater of consciousness to potentially relate many different stories and perspectives about the same scene. What is attended is learned, and so attention affects the acquisition of language itself. The functions of language in discourse determine its usage and learning. Language usage, language change, language acquisition, and language structure are similarly inseparable. There is nothing that so well characterizes human social action as language. Cognition, consciousness, experience, embodiment, brain, self, and human interaction, society, culture, and history are all inextricably intertwined in rich, complex, and dynamic ways.*

comparativamente, como dissecar um cadáver para entender o funcionamento do corpo de uma pessoa – e exclui os elementos externos, da língua efetivamente em uso, à mercê de seus próprios falantes em diferentes contextos de interação. Na perspectiva tradicional, a língua está relativamente parada no tempo, sem as *intempéries* da interação social que a fazem se transformar a todo momento, dentro de uma rede de relações que se entrecruzam e se influenciam mutuamente, de modo complexo, adaptativo, dinâmico.

As habilidades cognitivas humanas, por exemplo, categorização, processamento sequencial e planejamento, por si mesmas, não exigem o uso da língua, necessariamente, mas, uma vez que o ser humano é social por natureza, isso faz com que essas cognições sejam compartilhadas, fazendo surgir a necessidade da comunicação e, portanto, de convenções ou normas sociais que fizeram surgir a linguagem verbal e não verbal e as línguas propriamente ditas, cada qual com suas características que as fazem semelhantes ou muito diferentes entre si, mas todas como um atributo comum da espécie humana. A comunicação, entretanto, como lembram os autores, é um sistema frágil, isto é, sujeito a falhas ou variações, as quais fomentam o substrato para as mudanças linguísticas. O que se infere a partir daí é que essas convenções linguísticas são apenas aparentemente estáticas e até podem ser descritas por um linguista, mas essa descrição terá de ser refeita de tempos em tempos, dado o grau de susceptibilidade a transformações das línguas, no tempo, no espaço, na cultura, na multiplicidade de relações e contextos sociais até sob a esfera de um único indivíduo, com seu idioleto e suas características pessoais. Isso o torna, ao mesmo tempo, único, mas também integrante de toda a espécie humana, por suas faculdades comuns a todos.

Beckner et al. (2009, p. 5) adotam uma teoria da gramática baseada no uso da língua, em que a organização cognitiva da língua está fundamentada diretamente na experiência linguística. Em lugar de ser um mero conjunto

abstrato de regras ou estruturas que estão apenas indiretamente relacionadas com a experiência linguística, os autores veem a gramática como uma rede construída a partir de instâncias categorizadas do uso da língua. No que diz respeito às teorias da aquisição (ou desenvolvimento) da linguagem, sabe-se que as pessoas aprendem as construções linguísticas enquanto estão envolvidas na comunicação – e esta envolve processos cognitivos também, igualmente compartilhados socialmente. Os estudos dessa abordagem são importantes para se tentar compreender, por exemplo, a aquisição da linguagem pela criança (L1 ou língua materna). Os autores (p. 9-10) chegam a afirmar que esses estudos viraram de cabeça para baixo os pressupostos tradicionais da gramática gerativa: os dispositivos de aquisição, a hipótese da continuidade e o processamento governado por regras do tipo *top-down*. Tudo isso foi substituído pela análise construcionista, assumindo que as crianças possuem uma habilidade linguística de forma criativa: seu sistema linguístico surge de suas análises de enunciados em seu histórico de uso, por meio de habilidades cognitivas e a partir de sua abstração com base em regularidades.

3 PERSPECTIVAS SOBRE O LATIM

3.1 Como língua em uso

Há controvérsias sobre afirmações de que o latim *parou no tempo* por razões históricas – principalmente atribuídas à queda do Império Romano, em 476 d.C, – por não ser mais, até que alguém prove o contrário, língua materna de ninguém. Após uma rápida pesquisa na *Internet*, essa língua pode ser encontrada em uso, com exemplos abundantes, sem falar na literatura contemporânea traduzida para o latim e em entusiastas brasileiros: há vários endereços eletrônicos na *Internet*, brasileiros ou não, dedicados a curiosidades,

ao humor, ao entretenimento e também ao ensino de latim, algumas vezes, tratando essa língua como qualquer outra, muito bem viva e adaptada às circunstâncias da vida cotidiana e, até mesmo, noticiários em latim e programas de imersão total nessa língua. Eis algumas amostras⁵:



⁵ As imagens foram retiradas, com tamanho reduzido, dos seguintes endereços eletrônicos (acesso em 13.09.2019):

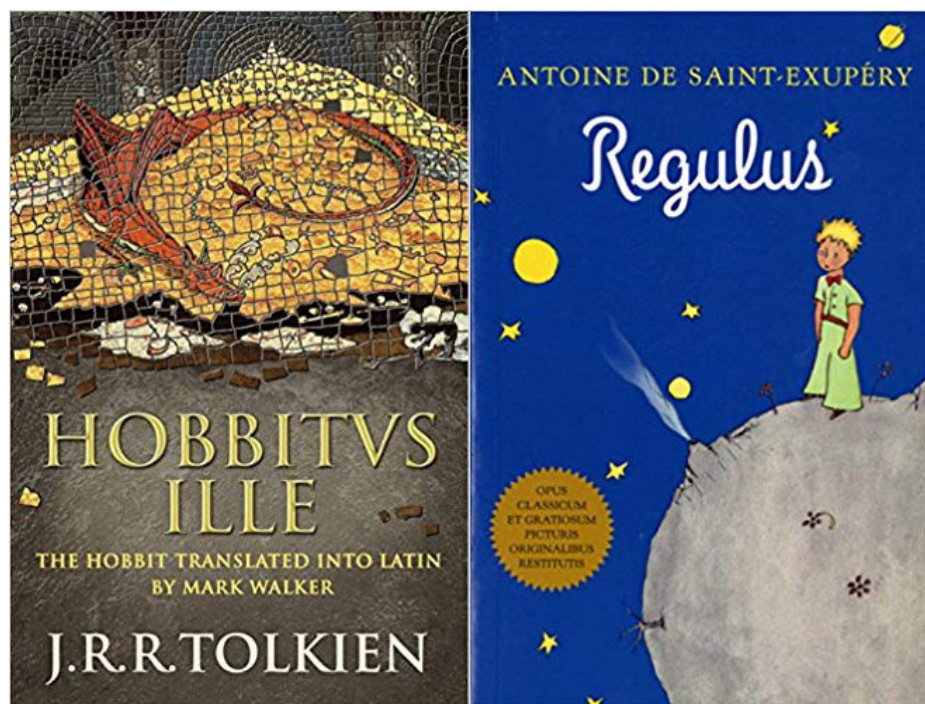
<<https://www.amazon.com.br/Harrius-Potter-Philosophi-Lapis-Philosophers/dp/1582348251>>

<https://www.amazon.com.br/Winnie-Ille-Pu-Milne/dp/014015339X/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=winnie+ille+pu&qid=1568402890&s=books&sr=1-1>

<https://www.amazon.com.br/Hobbitus-Ille-J-R-Tolkien/dp/0007445210/ref=pd_lpo_sbs_14_img_2?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=54SWKZQZH6P405HWDQ48>

<https://www.amazon.com.br/Regulus-Latin-Antoine-Saint-Exupery/dp/0156014041/ref=pd_lpo_sbs_14_img_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=54SWKZQZH6P405HWDQ48>

<<http://almacendeclasicas.blogspot.com/2011/01/vocabulario-res-quae-domi-sunt-et-urbis.html>>





Há de se mencionar também o caso de entusiastas do latim⁶, que o usam em sua forma escrita e falada, como Daniel Petterson e seu sítio *Latinitium*; Scorpio Martianus (pseudônimo de Luke Amadeus Ranieri), o qual, além de

⁶ <<https://www.latinitium.com/>; <http://www.scorpiomartianus.com/>>; <<http://www.legonium.com/about>>.

youtuber, possui seu próprio sítio da *Internet* dedicado ao latim; e também Anthony Gibbins e seu *Legonium*.

Outro excelente exemplo é o sítio jornalístico *Ephemeris*⁷, com notícias em latim, atualizadas todos os dias:

Mas essa renovação pode ser estabelecida muito antes, em períodos imediatamente posteriores à queda do Império Romano do Ocidente, passando por toda a Idade Média e Renascença, sendo o latim já constituído como língua do Cristianismo, do saber geral e científico, escrito em diversas obras, literárias, científicas ou de outras classificações. O mundo, transformado pelo tempo, pela natureza e pelas ações do homem e sua cultura, já imprimia transformações nessa língua também, para atender aos propósitos da comunicação. Um *neolatim* já tomava suas formas em obras de diversos autores, que a utilizavam em sua forma escrita, mas também como língua de comunicação em seus variados usos, também na oralidade, com obras que exploravam isso, desde

⁷ <http://ephemeris.alcuinus.net/>. Acesso em 09.07.2019.

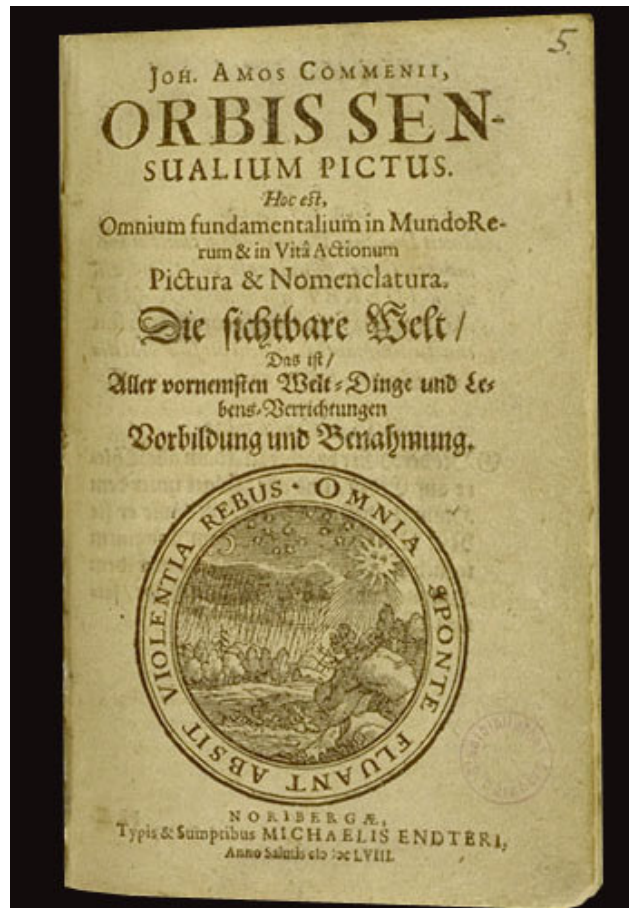
Erasmus de Rotterdam (*Colloquia familiaria*⁸) e Comenius (*Orbis sensualium pictus*⁹):



⁸ Fonte:

<https://www.iberlibro.com/servlet/BookDetailsPL?bi=30362116802&searchurl=sortby%3D0%26vci%3D160611&cm_sp=msrp-_msrpdesc_-_bdp>. Acesso em 17.02.2020.

⁹ Fonte: <<https://imaginarymuseum.org/OPR/OPRWAAGE.HTM>>. Acesso em 17.02.2020.

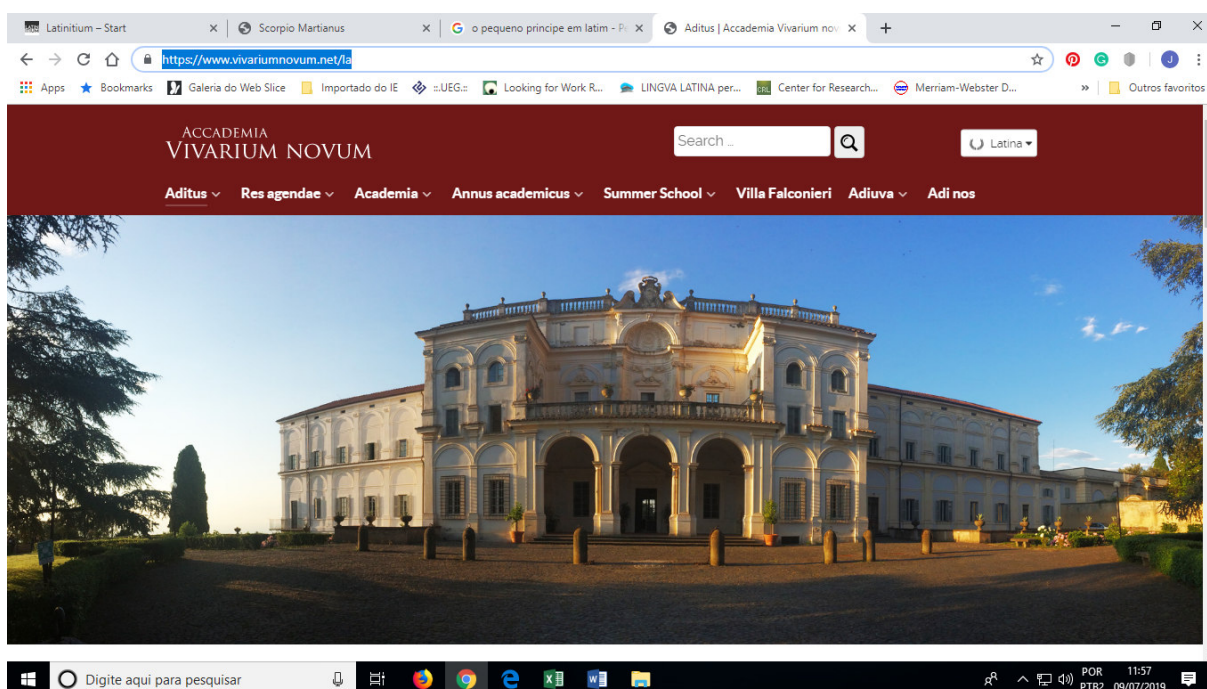


Na próxima seção será apresentada uma visão de como o latim, como qualquer língua moderna, pode também ser observado como um sistema adaptativo complexo, haja vista que também, a seu próprio modo, ele se tornou uma língua moderna, conforme se procurou evidenciar pelos exemplos dados.

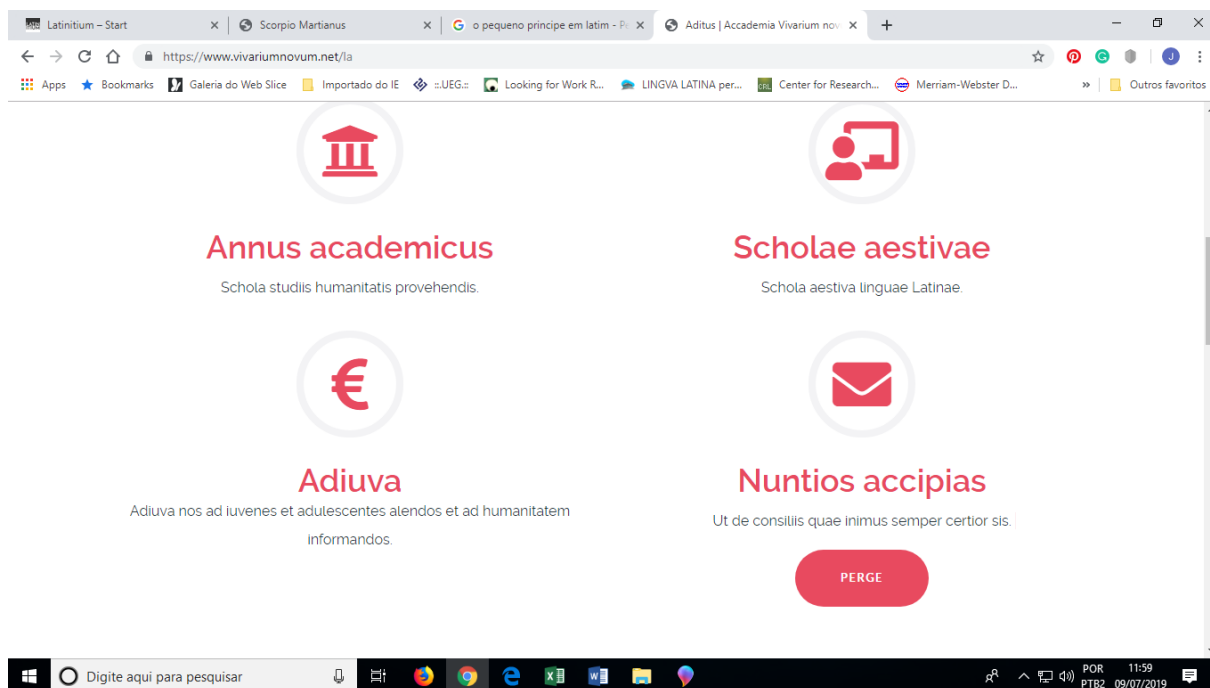
3.2 Como sistema adaptativo complexo

A partir do momento em que uma língua é ensinada, aprendida ou mesmo adquirida e colocada em uso, todos os mecanismos e características mencionados como pertencentes a um sistema adaptativo e complexo são acionados dentro do convívio social do usuário dessa língua em diferentes contextos do ambiente externo ao falante, mas também ao seu ambiente interno, no diálogo de si para si, processando todas as suas vivências.

O latim, mesmo com sua história de altos e baixos, aos poucos vem retomando seu *status* de língua em uso em nossa contemporaneidade. Tal reavivamento, ainda que circunscrito a nichos pequenos e especializados, não deixa de mostrar que essa língua já se caracteriza como adaptativa e complexa, uma vez que já há exemplos de como ela é usada na atualidade e até aprendida em cursos de imersão, como no caso da *Accademia Vivarium Novum*¹⁰, abaixo, e de outros locais e pessoas envolvidos no aprendizado do latim como língua de comunicação.



¹⁰ <https://www.vivariumnovum.net/en>. Acesso em 09.07.2019.



Além disso, já se tem notícia de vários fóruns na *Internet*, com uso exclusivo do latim como língua de interação, associações e eventos nacionais e internacionais, muitas vezes, totalmente conduzidos nessa língua. Logo, se o latim está em uso, isso não o difere de qualquer outra língua falada e escrita atualmente, e, assim, guarda as mesmas características delas como língua dinâmica, adaptativa e complexa.

3.3 Em contextos atuais de processos de ensino e aprendizagem de línguas adicionais

Conforme Engelsing (2014, p. 101):

o estudo de latim se encerra na leitura de textos escritos entre dois e quatro séculos, em oposição a mais de dois milênios de uso do latim, e o ensino de língua é individualista e formalista, em oposição ao social e participativo.

Esse ensino é individualista, explica esse autor, por sua concepção sobre a compreensão e a aprendizagem de língua “como frutos de operações mentais, individuais do aprendiz, e que prescindem da interação social”, e é formalista,

por acreditar que a aprendizagem de língua deve ser realizada principalmente pelo estudo de aspectos linguísticos, estruturais da língua, ou seja, por suas características internas, mais uma vez, deixando de lado o papel da interação social.

É assim que Engelsing propõe uma concepção mais ampla de língua, agora com uma abordagem ativa, em que os processos de ensino e aprendizagem envolvem a participação em atividades de letramento relevantes, na intenção de transformar o estudante de latim, “de titubeante leitor de poucos autores, em ativo participante da comunidade que se estende por vários territórios do globo e abarca a produção de vinte séculos de história” (2014, p. 101).

Logo, tomando o latim também em seu aspecto pragmático, de língua em uso, como um sistema adaptativo e complexo, a experiência aplicada em sala de aula do professor de língua latina deve envolver pesquisas sobre novos materiais, metodologias e nova bibliografia, incluindo recursos disponíveis na *Internet*, que tratam o latim como uma língua viva: quadrinhos, humor, jogos e *quizzes*, vídeos e textos informativos, com curiosidades diversas, alternados com conteúdos mais sérios e acadêmicos. Assim, por que não ensinar latim do mesmo modo que se faz com outras línguas, como o inglês, o espanhol, o francês, o italiano?

Aliás, segundo Engelsing, o ensino de latim e grego antigo, em nível mundial, tem passado por mudanças importantes, inclusive, com o estabelecimento de parâmetros curriculares nacionais, que propõem às línguas antigas o mesmo tipo de ensino sugerido às línguas modernas:

Nos parâmetros curriculares elaborados para línguas clássicas nos Estados Unidos, por exemplo, há ênfase para comunicação, contextos e comunidades, e se postula que as habilidades de fala e de escrita –

concomitantes à leitura e à compreensão auditiva – sejam desenvolvidas desde o princípio em sala de aula. (ENGELSING, 2014, p. 101)¹¹

Se isso já ocorre, urge refletir sobre como o ensino de latim poderia ser reconfigurado no sistema educacional brasileiro, ainda que esse assunto se mostre um tanto complexo, face às peculiaridades de nosso contexto, em suas várias nuances.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange às considerações feitas sobre o método gramática e tradução, por falta de espaço aqui, cabe ao leitor, por si próprio, refletir e tirar suas conclusões sobre o que foi apresentado como suas desvantagens, mas cabe ressaltar, novamente, que não se trata, absolutamente, de repelir ou de repudiar totalmente esse método. Algumas reflexões importantes sobre o uso da tradução – uma das técnicas utilizadas nesse método – no ensino de línguas são encontradas, por exemplo, em autores como Costa (1988, p. 282-291), Ridd (2000, p. 121-148; 2004, p. 88-90) e Romanelli (2006; 2009, p. 200-219).

Quanto ao *status* atual do latim, como língua em uso, conforme se procurou demonstrar, é de se considerá-lo mais próximo de outras línguas de comunicação da atualidade, mesmo com sua ainda pequena difusão quando comparado com as línguas hegemônicas. Essa relativa similaridade é conferida pelo uso social do latim, uma língua que guarda em si mesma as características de um sistema adaptativo complexo, fato que é merecedor de reflexões, inclusive, sobre os processos de seu ensino e aprendizagem.

¹¹ Ainda que esse autor, nesse mesmo texto, constate que muitos docentes de línguas clássicas ainda permaneçam insensíveis a essas diretrizes de ensino. Para o exame das críticas que Engelsing faz a essas posturas, além de outras questões relativas a esse assunto, vale a pena ler seu artigo na íntegra.

Diante do exposto, no cenário brasileiro, o que seria preciso para ajustar o ensino de latim conforme essas características de uma língua complexa e adaptativa? Devem os professores, independentemente da nossa legislação educacional, tomar sua própria iniciativa para essas práticas? Com que objetivos? Com que recursos? Com que carga horária e em que contextos educacionais?

Essas problematizações, no entanto, demandam mais pesquisas, mais tempo e aprofundamentos em trabalhos futuros. Mas as sementes estão lançadas no ar. Espera-se que algumas delas caiam em terreno fértil, para depois brotarem e produzirem frutos.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, José. *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção – discursos, práticas, representações, proposta metodológica*, 2013, 315 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BECKNER, C. et al. Language is a complex adaptive system: position paper. In: *Language Learning* 59: Suppl. 1. Language Learning Research Club, University of Michigan, December 2009, p. 1-26.

BYBEE, J. Uma perspectiva da língua baseada no uso. In: BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016. p. 17-35.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN H. I. - VANDRESEN, P. *Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 282-91.

ELLIS, Nick C. The emergence of language as a complex adaptive system. In: SIMPSON, James (Org.). *Routledge Handbook of Applied Linguistics*. Routledge/Taylor Francis, 2011, p. 654-667.

ENGELSING, Eduardo Marcant. Latim, biquíni e sinfonia discordante: línguas clássicas e metodologia de ensino. In: *Organon*, v. 29, n. 56, Porto Alegre, jan/jun 2014, p. 99-121.

LARSEN-FREEMAN, Diane. *Techniques and principles in language teaching*. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEFFA, Vilson José. ReVEL na Escola: Ensinando a língua como um sistema adaptativo complexo. In: *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016 [www.revel.inf.br], p. 1-12.

LIMA, Alceu Dias. *Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método*. São Paulo: UNESP, 1995.

LONGO, Giovanna. *Ensino de latim: problemas lingüísticos e uso de dicionário*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara-SP, 2006.

MIOTTI, Charlene Martins. *O ensino do latim nas universidades públicas do Estado de São Paulo e o método inglês Reading Latin: um estudo de caso*. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RIDD, Mark D. Out of exile: A new role for translation in the teaching/learning of foreign languages. In: SEDYCIAS, J. (org.) *Tópicos em lingüística aplicada 1/Issues in applied linguistics 1*. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/Editora Plano, 2000, p. 121-148.

RIDD, Mark D. Tradução em ambiente de Lingüística Aplicada. In: *Horizontes de Linguística Aplicada*, n. 3, p. 88-90, 2004.

ROMANELLI, Sérgio. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. In: *Revista Inventário*. 5 ed., mar/2006. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>>. Acesso em 11.07.2019.

_____. O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. In: *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. In: *SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ*, Número 28, jul.-dez 2014, p. 164-181.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 21 de outubro de 2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 14 de fevereiro de 2020.